

Do lixo ao luxo, de Estella a Cruella: A complexa teia dos eventos que moldaram a icônica vilã

*From rags to riches, from Estella to Cruella:
The complex web of events that shaped the iconic
villain*

*De la basura al lujo, de Estella a Cruella:
la compleja red de acontecimientos que dieron
forma al icónico villano*

Juliana Avila Pereira

Universidade Federal de Pelotas

E-mail: jul.av49@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0589-4878>

RESUMO

O estudo analisa o filme *Cruella* (2021) para compreender a transformação de Estella em Cruella De Vil, destacando a importância de ritos de passagem e simbolismos visuais, como o lixo, que representa sua metamorfose. A análise fílmica, baseada na metodologia de Rafael H. Quinsani (2010), descompõe a narrativa para explorar como esses elementos visuais e simbólicos refletem a evolução psicológica da protagonista. O estudo afirma que a estética do lixo e outros símbolos desempenham um papel crucial na construção da identidade de Cruella, revelando camadas profundas de rebelião, redefinição de valores e afirmação pessoal.

Palavras-chave: *Cruella; Estella; transformação; lixo.*

ABSTRACT

This study analyzes the film *Cruella* (2021) to understand Estella's transformation into Cruella De Vil, highlighting the importance of rites of passage and visual symbolism, such as

trash, which represents her metamorphosis. The film analysis, based on Rafael H. Quinsani's (2010) methodology, deconstructs the narrative to explore how these visual and symbolic elements reflect the protagonist's psychological evolution. This study concludes that the aesthetics of trash and other symbols play a crucial role in constructing Cruella's identity, revealing deep layers of rebellion, redefinition of values, and personal affirmation.

Keywords: *Cruella; Estella; transformation; trash.*

RESUMEN

El estudio analiza la película *Cruella* (2021) para comprender la transformación de Estella en Cruella De Vil, destacando la importancia de los ritos de paso y el simbolismo visual, como la basura, que representa su metamorfosis. El análisis fílmico, basado en la metodología de Rafael H. Quinsani (2010), descompone la narrativa para explorar cómo estos elementos visuales y simbólicos reflejan la evolución psicológica de la protagonista. El estudio concluye que la estética de la basura y otros símbolos juegan un papel crucial en la construcción de la identidad de Cruella, revelando capas profundas de rebelión, redefinición de valores y afirmación personal.

Palabras clave: *Cruella; Estella; transformación; basura.*

Data de submissão: 26/08/2024

Data de aprovação: 11/11/2024

Introdução

O cinema é uma forma de arte pensada para proporcionar, ao espectador, uma experiência totalmente imersiva. A sala de cinema, por exemplo, é projetada a partir de uma série de elementos precisamente dispostos para criar a sensação, nos espectadores, de transporte para dentro do filme. A tela grande e de alta qualidade cobre grande parte do campo de visão de quem assiste, criando a sensação de estar dentro da história. O som é outro elemento primordial para criar esta atmosfera: a utilização da tecnologia *surround* (sistema de alto-falantes em diferentes pontos da sala, projetando som em diferentes ângulos) possibilita a reprodução de um áudio envolvente, fazendo com que o espectador se sinta imerso no ambiente do filme. Outros elementos, como o isolamento acústico, a iluminação adequada e assentos confortáveis também auxiliam nessa tarefa.

Thomas Elsaesser e Malte Hagener, no livro *Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos* (2018), discutem sobre a percepção e a experiência sensorial que ocorre ao se assistir uma produção cinematográfica. Os autores discorrem sobre como os sentidos, por exemplo, visão e audição, são acionados durante a exibição de um filme, e de que forma a estética visual e acústica do cinema influi na forma como os espectadores consomem e interpretam imagens em movimento. Assim, para Elsaesser e Hagener:

[...] a ideia de cinema como porta e tela, podemos dizer que é um conceito corporificado que indica cruzamento ou transgressão: o espectador metaforicamente entra em “outro mundo” ou experimenta seu próprio mundo como estrangeiro e estranho, ao mesmo tempo em que conserva a consciência de entrada e transição, em vez de permanecer como testemunha de uma exibição, uma exposição e uma revelação (Elsaesser; Hagener, 2018. p. 69-70).

Contudo, não basta apenas um ambiente físico para possibilitar essa transição do espectador. Tão necessária quanto o espaço é a narrativa apresentada pelo filme. Os filmes são projetados para combinar imagens, diálogos, músicas e efeitos especiais para contar histórias de uma forma visualmente estimulante. Por meio da narração, o espectador é transportado para outro lugar, tempo e realidade, permitindo que ele se envolva emocionalmente com os personagens e eventos do filme. Deste modo,

Eles nos levam a experiências. Essas experiências são muitas vezes conduzidas por histórias, com personagens com as quais passamos a nos preocupar. [...]. Um filme nos leva numa viagem, oferecendo uma experiência que segue certos padrões e que envolve nossas mentes e emoções (Bordwell; Thompson, 2013, p. 29).

As narrativas fílmicas têm capacidade de criar conexões emocionais entre espectadores e os personagens/histórias representados nas grandes telas. Mesmo que não haja semelhanças diretas entre o público e os personagens, o cinema pode transmitir emoções universais, desafios humanos e dilemas com os quais as pessoas podem se identificar. A imersão em um universo ficcional pode ocorrer quando o filme é capaz de construir um mundo consistente e envolvente. No entanto, vale destacar que essa vontade de integrar esses universos ficcionais despertada nos espectadores por alguns filmes não é regra, havendo, por exemplos, filmes de terror e suspense em que seus universos não são atrativos para se viver propositalmente.

Alexandre Valim (2012) reitera, no capítulo *História e cinema*, a tese de que a indústria cinematográfica atua na sociedade na qual está inserida como um mecanismo de representação, transmitindo, ao espectador, ideias, ideologias e modelos sociais – a ser seguidos ou abominados – através de suas produções, sendo o próprio cinema um interlocutor das relações sociais de seu momento histórico. Deste modo, o espectador pode receber tais informações, que são assistidas de forma consciente ou não.

Sendo a indústria cinematográfica um agente que produz uma visão imagética de mundo sobre a sua realidade, podemos afirmar que a relação entre cinema e feminino foi, por muitos anos, restrita a representações sob a perspectiva masculina. Assim, as mulheres, neste percurso temporal, foram estigmatizadas e secundarizadas nas produções, pois, como afirma Nicole Loraux (1988, p. 23): “a glória das mulheres é não terem glória” em culturas patriarcais. Na mesma linha, Naomi Wolf (2021) afirma:

As mulheres não passam de “beldades” na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênua sem malícia. Uma linda heroína é uma espécie de contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e dinâmico, enquanto a “beleza” é genérica, monótona e inerte (Wolf, 2021, p. 93).

Tratando-se de produções cinematográficas com o selo Walt Disney, houve inúmeras mudanças e atualizações de personagens deste estúdio nos 100 anos de existência da empresa, principalmente no atual momento, com o lançamento de diferentes títulos *live-actions* de muitas de suas animações clássicas.¹ Da mesma maneira que as princesas clássicas sofreram alterações em sua construção ao longo do tempo, suas antagonistas também foram repensadas. A ideia de maldade inerente a essas figuras foi substituída por uma narrativa fílmica baseada em conflitos internos das personagens, não existindo mais espaço para personalidades totalmente boas ou más, mas sim ações mergulhadas em um determinado contexto que podem ser mais benéficas ou maléficas. Deste modo, aproximando-se de problemáticas vistas, também, na vida real. Dito isso, Cruella, em seu filme de 2021, é uma personagem é representada como uma protagonista complexa e profunda, uma forma de construção muito distinta se comparada às suas primeiras aparições na literatura, animação e *live-actions* do século XX, do mesmo estúdio.

Para conduzir esta viagem pelas vielas, becos e espaços periféricos da grande Londres, ao mesmo tempo que passamos pelas passarelas da alta costura, grandes propriedades e casas georgianas, em *Cruella* (2021), fora escolhido o diretor de cinema australiano Craig Gillespie. Gillespie é um diretor conhecido por seus trabalhos em diferentes gêneros, da comédia ao drama. Antes de aceitar comandar *Cruella*, ele dirigiu títulos relevantes como *Eu, Tonya* (2017), *Horas decisivas* (2016), *Arremesso de ouro* (2014), *A garota ideal* (2007), entre outros. O diretor foi escolhido por Sean Bailey, presidente de produção da Walt Disney Studios, tendo em vista que os dois já trabalharam lado a lado nos dois filmes citados de 2014 e 2016. A proposta de Bailey pareceu irrecusável pela temática, afirmou Craig Gillespie em entrevista a Jessica Bailey da revista pop *Grazia*:

Recebi um telefonema do produtor de cinema americano Sean Bailey, da Disney, e ele disse: 'O que você acha de Cruella De Vil com Emma Stone e eu disse: 'Isso parece incrível'. E então ele disse: "Será a Londres punk dos anos 1970". E fui imediatamente atraído por isso. Toda essa combinação parecia tão emocionante para mim² (Gillespie *apud* Bailey, 2021).

Gillespie foi convidado após assinar como o diretor do filme *Eu, Tonya* (2017). Este longa é delimitado com uma faixa etária de 14 anos. Assim, trata-se de uma produção com alguns encaminhamentos "mais adultos" em sua trama. Deste modo, em menor grau, *Cruella*, em sua proposta *punk rock*, e classificação indicativa de 12 anos, também traz, em sua composição narrativa, tons mais nebulosos para potencializar a história. Gillespie comentou que, ao aceitar o convite para dirigir o *live-action*, ele sabia que os produtores buscavam contar uma versão mais emocionante e, assim, sombria relacionada ao universo desta clássica vilã Disney – o que ele tinha feito recentemente em *Eu, Tonya*. Na mesma linha, em entrevista ao *The Hollywood Reporter*, Craig Gillespie comentou sobre as intenções de "disneyficação" da personagem. Porém, sua perspectiva para *Cruella* era mais realista, usando mais a crueldade característica da personagem e também as assimilações do contexto *punk* da década de 1970. Em suas palavras:

Quando todos os chefes de produção chegavam para se juntar ao filme, eu os interrompia imediatamente e dizia: 'Não estamos fazendo um filme da Disney. Não pense nisso como um filme da Disney. Pense nisso como uma história punk de amadurecimento em Londres com toda a coragem'. E então eu mostrava a eles essas imagens e, muito rapidamente, todos entenderam. Então nós simplesmente seguimos em frente³ (Gillespie *apud* Davids, 2021, n.p.).

Ao lado de Gillespie, atuam no roteiro Tony McNamara e Dana Fox. O primeiro é um diretor e roteirista australiano, tendo como destaque em sua carreira o filme *A favorita* (2018), indicado ao Oscar e ganhador do BAFTA na categoria Melhor Roteiro Original.⁴ Seu estilo de escrita é fundamentado em diálogos afiados, personagens complexos e humor satírico. Em *Cruella*, o roteirista contribuiu com a criação de diálogos e enredos, trazendo aspectos mais dramáticos para a história. Por sua vez, Dana Fox é uma produtora e roteirista estadunidense, atuando principalmente em produções ligadas a filmes familiares e comédias românticas. Dentre os filmes que trabalhou, destacam-se: *Muito bem acompanhada* (2005), *Jogo de amor em Las Vegas* (2008), *Como ser solteira* (2016) e *Megarromântico* (2019). Neste sentido, Fox contribuiu em *Cruella* com sua experiência em construir personagens cativantes e situações engraçadas, contribuindo com o tom mais animado e inusitado do filme de 2021.

Juntos, Gillespie, McNamara e Fox (re)criaram a emblemática Cruella De Vil à luz deste século, explorando partes até então desconhecidas: sua origem, seu passado e suas motivações. Como resultado da junção desses três elementos, o filme nos conta quem é a jovem Cruella De Vil, mudando nossa percepção a respeito de sua figura e nos fazendo repensar o que sabíamos sobre essa icônica e clássica personagem dos estúdios Disney. Neste horizonte, portanto, esta nova versão de Cruella por Emma Stone é uma construção muito distinta de suas duas antecessoras. Ela é uma jovem criativa, com grandes sonhos e um talento nato para o mundo da moda. Porém, por adversidades em sua vida, ela vê seus planos solapados, levando-a para um novo caminho. Assim, ela evoca uma personalidade caracterizada por uma intensa rebeldia, agressividade e transgressão como pilares de si.

O *live-action Cruella* (2021) apresenta uma jornada intensa e transformadora da jovem Estella rumo à sua metamorfose como a icônica e ousada Cruella De Vil. Ao longo da narrativa, são evidenciados marcadores e ritos de passagem⁵ cruciais que moldam a evolução da personagem, desde sua infância até os momentos que culminam na sua completa transformação nesta persona. Esses eventos-chave não apenas representam desafios e obstáculos, mas também simbolizam a transição da doce Estella para a intrépida e rebelde Cruella, revelando as complexidades psicológicas, as lutas internas e os momentos definidores que moldam sua jornada de autodescoberta e afirmação da própria identidade. Deste modo, cada evento desempenha um papel fundamental na sua transformação, moldando sua estética, mentalidade e atitude em relação ao mundo/pessoas ao seu redor.

Em meio aos 136 minutos de intensa narrativa visual e emocional, o filme *Cruella* tece uma trama repleta de simbolismo e um elemento inesperado se destaca como um símbolo central: o lixo. Ao longo da história, a presença recorrente de dejetos materiais, comumente considerados descartáveis pela sociedade, emerge como um artifício gráfico fundamental. A protagonista, Cruella, encontra-se frequentemente associada a esse elemento, seja carregando sacos de lixo, imersa entre caminhões de coleta ou vestindo roupas inspiradas nesse artifício. Essa presença marcante do lixo não é apenas uma mera representação visual, mas sim um amplo campo simbólico que tece várias camadas de significados, desde a rebelião e transformação pessoal até à dualidade e à redefinição de valores estéticos e sociais. Neste sentido, o lixo se torna não apenas um artefato visual, mas um meio para a expressão de marcações complexas e nuances psicológicas presentes no cerne da história de Cruella De Vil.

Isto posto, para este estudo, analisaremos o filme *Cruella* (2021) com o objetivo de evidenciar como ocorre a transformação da personagem de uma jovem comum em uma das mais conhecidas vilãs da cinematografia, através dos múltiplos simbolismos e visualidade. Enquanto metodologia utilizamos a análise fílmica nos servindo da proposta de decomposição da obra por meio dos elementos intra e extrafílmicos apresentados por Rafael H. Quinsani (2010).

A transformação na icônica vilã bicolor

Em ordem cronológica, o primeiro momento em que é estabelecido o elo entre o lixo e a personagem título do filme remete ao seu nascimento. A jornada da Cruella/Estella inicia por caminhos nebulosos, cruéis e infames quando, em seu parto, sua mãe (Baronesa) a abdica em uma ação imbuída de brutalidade. Simbolicamente, o ato de ser rejeitada por sua própria mãe, ecoa a rejeição e incute um sentimento de descarte tal qual um utensílio inútil jogado no lixo, em que a jovem, ainda bebê, é abandonada como se fosse um objeto indesejado. Ela não apenas é rejeitada pela pessoa que deveria acolhê-la, mas é subjugada ao mesmo nível de algo que a sociedade considera sem valor, algo a ser descartado. Essa narrativa simbólica não apenas forja a personalidade de Cruella, mas também influencia sua percepção sobre si mesma e seu lugar no mundo.

Essa associação simbólica ressoa ao longo de sua jornada pessoal, impactando-a profundamente e sendo uma das forças motrizes por traz de sua transformação de Estella Miller para Cruella De Vil. É um passo dado na recusa de ser definida por esta rejeição, motivando-a a desafiar as expectativas e superar quem lhe impetrou este malefício. A imagem do saco de lixo torna-se um símbolo central na vida de Cruella, representando não só a dor do abandono, sua marginalização e seu sentimento de descarte, mas também sua resiliência e capacidade de transformar a adversidade em algo poderoso. Deste modo, ela também usa a rejeição como combustível para seu senso de determinação, criatividade e rebeldia.

A narração da protagonista nos primeiros minutos do filme sobre sua morte e a confirmação desse acontecimento no terceiro arco dramático são elementos fundamentais para a complexidade da personagem Cruella. Ela é intimamente moldada pela dor do descarte, mas sua resposta não é de superação ou resignação, mas sim de reinvenção. A rejeição não a define, mas se torna o catalisador de sua busca por identidade, liberdade, poder pessoal e, claro, vingança, pois ela irá superar aquela que lhe descartou por ser melhor que ela.

Quando ela passa a frequentar a escola formal, com seus onze anos de idade, Cruella é novamente assimilada ao lixo. A jovem, por ser diferente dos demais colegas, sofre *bullying* dentro da instituição escolar, assim, Cruella é cruelmente jogada em um contêiner de lixo por outros alunos da escola. Este evento reforça a associação da personagem com o lixo e a marginalização social, mas também introduz a ideia de encontrar conexões e apoio nos lugares mais inesperados.

A sequência em que a protagonista é jogada dentro do contêiner de lixo é mais uma das muitas representações simbólicas da crueldade do mundo em que vive e a exclusão social que Estella enfrenta. No entanto, dentro desse ambiente de rejeição e desespero ela encontra Buddy, seu leal cachorrinho. A protagonista, que nos conta sobre essa história no futuro como interlocutora, afirma: “Mas eu encontrei amigos em locais improváveis” (Gillespie, 2021, n.p.). Essa declaração anuncia a resiliência e a capacidade de Estella para se adaptar a essas situações, mostrando que é possível encontrar apoio e afeto em meio à adversidade. A metáfora de encontrar amizade e apoio no lixo é poderosa, simbolizando a capacidade de descobrir vínculos autênticos e preciosos em situações que, à primeira vista, são desoladoras e desumanas (cf. Figura 1).

O lixo retorna a aparecer na vida da protagonista em um momento crucial de sua vida: a morte de sua mãe, Catherine. Ao presenciar esse trágico evento, Estella foge com destino a Londres em um caminhão de lixo que passava na estrada enquanto uma chuva se apropria do clima. Esta sequência é fundamental na narrativa, representando uma ruptura na vida de Estella e levando-a a acreditar ser completamente sua culpa o acontecido, o que torna um marcador muito forte em sua personalidade. Toda dor, culpa e solidão que a jovem sente é simbolizada no lixo, que é onde ela sente estar e suas lágrimas misturam-se com a chuva. É possível perceber a expressão de tristeza e desespero da personagem.

O caminhão de lixo, um veículo associado ao descarte e à desolação, torna-se o meio pelo qual Estella deixa para trás seu passado e se lança em um mundo desconhecido, cruel e hostil. A imagem escura ressalta a turva e confusa transição em que ela se encontra, simbolizando não apenas a fuga física, mas também a fuga de sua própria identidade, sua tentativa de escapar da dor, culpa e solidão que a cercam.



Figura 1: Cruella jogada no lixo na escola encontrando Buddy. Cruella, 2021.

A presença da chuva intensifica a atmosfera sombria e melancólica, simbolizando a tristeza, a purificação e até mesmo a catarse emocional de Cruella. É como se a personagem estivesse imersa não apenas na dor física da chuva, mas também na sua própria dor interior, buscando se libertar das amarras emocionais que a afligem. Deste modo, o lixo e a chuva simbolizam sua dor, culpa e solidão, e também sua baixa autoestima.

Na narração, a protagonista afirma: “E eu fugi por um bom tempo” (Gillespie, 2021, n.p.). A narração de Estella indica que ela tentou esquecer sua verdadeira identidade e se adaptar à nova realidade e esta evasão em um caminhão de lixo simboliza sua fuga do passado e seu mergulho no mundo real, que é cruel e hostil a ela. A jovem Estella está tentando enterrar seu passado e sua essência em meio ao desespero e à tentativa de se ajustar à uma realidade que lhe é estranha.

Essa sequência, portanto, não é apenas uma fuga física, mas representa a fuga de si mesma, uma tentativa de escapar das dores do passado, mesmo que temporariamente. O simbolismo do lixo, da chuva e da confusão reflete a jornada de Estella e a batalha emocional e psicológica que está enfrentando (cf. Figura 2).

Nos dez anos subsequentes em que Estella viveu em Londres, o simbolismo continuou a se fazer presente. Após viver uma vida baseada em pequenos roubos e furtos, Jasper lhe consegue um emprego como faxineira na *Liberty* de Londres para, finalmente, começar a trilhar seu sonho de tornar-se uma grande estilista. Contudo, esse trabalho é um ambiente completamente tóxico e hostil a ela, principalmente pela figura de seu chefe, que constantemente a humilha e despreza.

Com isso, Estella está em seu ponto mais baixo, trabalhando como faxineira (elemento que lida com a sujeira de outros) em uma loja de moda, sem reconhecimento ou respeito. Ela é vista como lixo pela sociedade e pelo seu chefe, que a trata com desprezo e indiferença. Deste modo, ela se encontra subjugada, tratada com desdém e invisibilizada.

Quando Estella é obrigada a descartar o lixo nos fundos da loja, ela se encaminha para lá e encontra Jasper, Horace, Wink e Buddy, que foram lhe entregar seu almoço em um gesto de cuidado. Horace insinua sobre a possibilidade de assaltar a loja de algum modo, o que Estella enfaticamente diz que não, que eles não farão isso, pois esta é uma oportunidade única para ela, defendendo o estabeleci-

mento. Posteriormente, os rapazes e os cachorros vão embora e Estella faz o descarte dos sacos de lixo em um grande container. Contudo, um dos sacos se rasga e a cobre com todo o conteúdo que continha, simbolizando sua degradação física perpetuada dentro da *Liberty*. Logo, é mostrado que, embora ela tente defender a loja e sua oportunidade de trabalho, o lixo mostra como ela é tratada pelos seus superiores e pela sociedade (cf. Figura 3).



Figura 2: Cruella fugindo no caminhão de lixo⁶. Cruella, 2021.

O momento em que o saco de lixo se rasga e despeja o lixo sobre ela é uma metáfora visual impactante da maneira como ela foi constantemente subestimada e menosprezada, como se a sociedade estivesse tentando suprimi-la, pois ela é apenas mais uma entre as muitas fileiras humanas marginalizadas na sociedade por não ter linhagem familiar, dinheiro, poder ou qualquer *status*.

No entanto, este acontecimento não apenas reflete a humilhação e frustração de Estella, mas também é um ponto inicial de virada, pois é a explosão iminente da raiva e a vontade de desafiar o sistema que a rebaixa, bem como é a partir desse momento que a personalidade Cruella começa a emergir após anos escondida. Sua reação não é de vergonha ou resignação, mas de um vislumbre de libertação e autenticidade. Ela não se deixa abater pela sujeira que a cobre, mas, ao contrário, parece aceitá-la como primeira parte de sua transformação, já que, na noite após este evento, Cruella aparece e transforma completamente a vitrine da loja em um estilo *punk* moderno (cf. Figura 3)



Figura 3: Cruella coberta com lixo na *Liberty*. *Cruella*, 2021.

A presença proeminente do lixo como elemento simbólico, que reflete a marginalização, parece desaparecer momentaneamente quando Estella alcança um emprego cobiçado ao lado da poderosa Baronesa. No entanto, esse simbolismo ressurgir de forma direta quando a verdade sobre sua chefe é revelada. Após ser humilhada por Baronesa e ter um de seus desenhos roubados, Estella, agora como Cruella, cria um vestido com inspiração no lixo e confronta a Baronesa em um de seus desfiles.

Deste modo, em um dos diferentes eventos de grife, inúmeros fotografos captam a Baronesa, que posa com um vestido assimétrico verde aqui com esferas prateadas (cf. Figura 4). Porém, sua expressão muda quando, ao final do tapete vermelho, um caminhão de lixo dá ré. Horace desce do veículo e puxa uma alavanca que libera a caçamba jogando um bolo de diferentes tecidos no chão. Cruella emerge do monte de tecidos utilizando um vestido aparentemente com folhas de matérias de jornais sobre ela (escritas por Anita). Ela encara Von Hellman e, em seguida, sobe na traseira do caminhão e bate na lataria, dando sinal para Jasper e Horace partirem dali. Na saída é revelado que os muitos tecidos, na verdade, são vestidos de coleções antigas de Baronesa e agora formam a calda do vestido atual de Cruella, que deixa o recinto em gargalhadas enquanto inúmeras matérias de jornal inundam a tela (cf. Figura 4).

O vestido de lixo é uma forma de Cruella mostrar sua criatividade e sua rebeldia, e também de se vingar da Baronesa, que a abandonou como lixo. O vestido de lixo é uma metáfora para a transformação de Cruella, que passa de uma vítima a uma vilã, e de uma faxineira a uma lenda da moda. O vestido de lixo é uma declaração de que Cruella não se importa com as opiniões dos outros e que ela é capaz de transformar o que é considerado sem valor em algo valioso. O vestido de lixo é um exemplo de como Cruella usa sua arte como uma forma de expressão e de desafio.

O ato de ser literalmente despejada de uma caçamba de lixo com um vestido feito de materiais descartados é uma representação simbólica. Não só evidencia a ousadia de Cruella, mas também representa uma metáfora visual da sua própria jornada: ela é o próprio “lixo”, descartada e humilhada pela sociedade, que se reinventa como uma obra-prima, desafiando a ideia de que algo descartado não pode ser transformado em algo valioso. Ela se apropria daquilo que sempre a condenou e recria a seu favor.

Neste prisma, esse vestido fora uma das peças do guarda-roupa de Cruella tida como preferida tanto por Emma Stone, atriz que a interpreta, quanto pela figurinista responsável do filme, Jenny Beavan:⁷ “ah, o caminhão de lixo. Demorou muito tempo a fazer. Não sei se o dizem no guião, mas era a coleção de primavera dela [Baronesa] de 1967. Como era suposto ser lixo, usaríamos jornais. Foi um dos meus preferidos” (Beavan, 2021, n.p.).

Por sua vez, na perspectiva de Emma Stone:

Sim, o meu proferido. Este é o vestido de lixo. Este é o meu visual preferido do filme. Esta saia é insensatamente comprida. Não estava ligada ao vestido porque não conseguiria andar, nem sentar-me no carro, nem nada disso. Eles prenderam-me a cauda quando subi para o caminhão do lixo e fui embora. Foi muito especial e fiquei entusiasmada por usá-la. Trabalharam nisto tanto tempo (Stone, 2021, n.p.).

Seu vestido feito de lixo, isto é, vestidos da própria Baronesa de coleções passadas e jornais com matérias sobre si mesma, o que é evidenciado enquanto deixa um grande rastro, ao sair do local. Essa afronta evidencia como Cruella possui habilidade de recriar algo inovador e estiloso com aquilo visto como detrito (cf. Figura 4). Como aponta Vivian Vianna (2021), essa ação tem claras referências a peças da coleção Propaganda (2005) de Vivienne Westwood e também à imagem de uma das fotos da banda Sex Pistols em uma caçamba de lixo.



Figura 4: Terceiro ataque de Cruella. Cruella, 2021.

Após o vestido, podemos ver uma mudança no que tange à relação de Cruella com o lixo. Em sua última representação no longa ele é, novamente, utilizado de maneira favorável à sua personagem. Presos em uma cela na delegacia de polícia após um confronto com Baronesa, Jasper e Horace lamentam a morte de sua amiga, falando que é melhor guardar ela na memória como a doce Estella. Porém, uma fuga se apresenta: com um caminhão de lixo, Cruella invade a delegacia quebrando a fachada do local e permitindo que Wink vá até a cela na qual seus dois amigos estão presos para soltá-los. Ela da ré com o caminhão e deixa o local, iniciando uma sequência de perseguição e deixando a delegacia sem oficiais e livre para a saída dos rapazes. Para se livrar após uma sequência de perseguição, Cruella dobra em uma pequena viela e libera a caçamba do caminhão, criando uma barreira com sacos de lixo que põe fim à caçada.

A utilização do caminhão de lixo como um meio de fuga e como uma ferramenta para reverter a situação a seu favor e a favor seus amigos é uma representação de como a personagem se apropria lixo, local em que fora colocada, para virar o jogo a seu favor. Se quando criança ela utilizou o veículo como símbolo de sua tristeza e humilhação, agora ela o ressignifica como mecanismo de liberdade.

Ao quebrar a fachada da delegacia com o caminhão, Cruella abre o caminho para a libertação de Jasper e Horace, bem como também, simbolicamente, desafia a autoridade representada pelo local, literalmente quebrando as barreiras impostas pelo sistema. Posteriormente, a habilidade de Cruella em criar uma barreira com sacos de lixo para deter a perseguição é uma reviravolta astuta e, mais uma vez, utiliza o simbolismo do lixo como uma ferramenta de resistência e proteção. Trata-se do ato de escapar e evidenciar sua engenhosidade e audácia para superar obstáculos, usando os próprios elementos que a sociedade considera descartáveis.

Desse modo, o simbolismo do lixo representa a fuga e a resistência, como também ressalta a inteligência e a criatividade de Cruella para subverter as expectativas e criar soluções inovadoras em situações desafiadoras, apropriando-se do local em que fora colocada a seu favor.

Nesse horizonte, a metáfora da sujeira que a acompanha em diferentes momentos da história funciona como um catalisador para sua metamorfose em Cruella, uma personagem que abraça o que os outros consideram inadequado, transgredindo as normas e expectativas. A sujeira e o lixo que a cobrem não a diminuem, mas simbolizam o renascimento de uma nova identidade forte, destemida e autoconfiante. Essa é, portanto, uma expressão visual e simbólica da evolução de Estella para Cruella, marcando não apenas uma virada estética, mas principalmente uma mudança psicológica profunda, representando o renascimento e a afirmação de sua singularidade e poder.

Toda a experiência de ser tratada como lixo impulsiona Cruella a rejeitar a invisibilidade e abraçar sua individualidade e talento. Assim, o lixo funciona como catalisador para sua decisão de reivindicar seu lugar no mundo da moda, promovendo uma revolução pessoal em que ela se recusa a ser subestimada ou marginalizada. Ao decidir se tornar uma designer de moda, ela rejeita a noção de ser descartada pela sociedade e concentra sua raiva para se destacar. Ela escolhe usar sua criatividade, ousadia e talento para reivindicar seu espaço, desafiando as convenções e expectativas impostas a ela.

As primeiras sequências em que o lixo se faz presente na vida de Estella sugerem a sua rejeição e marginalização, bem como a humilhação constante que sofre. Porém, quando a persona de Cruella é evocada, ela se recusa a ser definida pelo lixo que a rodeia, optando por se tornar uma força disruptiva, alguém que desafia o *status quo* e redefine seu próprio caminho, criando uma identidade que reflete sua verdadeira essência, longe das expectativas e limitações impostas por outros. Assim, nas últimas sequências, o lixo é um elemento que a faz questionar sua situação e sua escolha, e que a leva a se rebelar e a se transformar em Cruella.

Tal qual o lixo, outro marcador primário na sua vida é a intensa relação com o mundo da moda, um dos pilares que fundamenta a identidade de Cruella De Vil. Sua relação com a moda transcende a mera estética, tornando-se uma expressão intrínseca de sua personalidade ousada e de sua busca por singularidade. A moda é o veículo por meio do qual Cruella externaliza seu pensamento disruptivo e sua coragem em desafiar as normas estabelecidas. Suas criações representam não apenas peças de vestuário, mas declarações audaciosas de independência, rebeldia e uma forma de reivindicar seu espaço no mundo, desafiando as expectativas convencionais de elegância e estilo. Para Cruella, a moda não é apenas uma indústria ou uma forma de expressão artística, é um meio de subversão, um canal para redefinir a própria identidade e desafiar as convenções impostas pela sociedade.

Para Cruella, desde pequena, a moda não representa apenas uma escolha profissional, é uma paixão que arde dentro de seu peito. Ela a utiliza como forma de expressão, rebelião e, acima de tudo, afirmação de sua individualidade. Sua abordagem ousada para o design não se limita às tendências convencionais ou os padrões em voga, pelo contrário, desafia e subverte as normas. Cada criação de Cruella é uma exteriorização de sua mente criativa, combinando elementos excêntricos e vanguardista que desafiam as expectativas tradicionais.

É justamente por essas subversões estilísticas que a pequena Estella é intitulada de “Cruella” por sua mãe. Ainda jovem, antes da ideia para frequentar a escola, sua mãe lhe ensina a costurar para criar roupas para suas bonecas e ursinhos usando alguns pedaços de tecidos. A ideia de Catherine era voltada para roupas padronizadas. Contudo, Estella, guiada por sua criatividade, cria roupas estilizadas para seus brinquedos e destaca que os padrões da sua mãe não eram bonitos: “Estella: Olha.

Catherine: Não é assim. Tem que seguir o modelo. Há um jeito certo de fazer. Estella: É feio. Catherine: Que Cruel. Seu nome é Estella, não Cruella” (Gillespie, 2021, n.p.). A partir desse pontual comentário de Catherine, nasceu o apelido que mais tarde tornaria-se a marca da personagem.

A recusa de Estella em seguir padrões estéticos preestabelecidos, evidenciada pela criação única de uma roupa para seu ursinho, destaca seu espírito criativo e sua resistência à conformidade desde cedo. Ao subverter as normas e recusar-se a simplesmente reproduzir algo, Estella demonstra uma predisposição para a originalidade e a expressão individual. O apelido “Cruella”, inicialmente lançado como um comentário sobre sua atitude rebelde, torna-se, com o tempo, uma alcunha que ela abraça e transforma em sua própria marca registrada.

Essa sequência inicial não apenas estabelece as bases para a futura transformação de Estella em Cruella, mas também destaca a relação com a moda inata da personagem, bem como conflito intrínseco entre a busca pela autenticidade e a pressão social para a conformidade. Ao se recusar a seguir o padrão, ela já está começando a forjar seu próprio caminho, um caminho que a levará a desafiar as expectativas da sociedade e a redefinir o conceito de moda e elegância.

Em idade escolar, Estella novamente desponta com seu talento estilístico e sua singularidade, na medida em que transforma seu uniforme em um ato de afrontamento a instituição e alunos. A escola serve como um terreno de experimentação, na qual a jovem começa a forjar seu próprio caminho e a definir sua identidade de maneira única. A personalização do uniforme escolar por parte de Estella é um reflexo precoce de sua expressividade e rebeldia. Enquanto muitos alunos percebem o uniforme como uma imposição a ser seguida sem questionamentos, ela encara isso como uma tela em branco para sua expressão criativa. Cada personalização é um ato deliberado de desafio às normas estabelecidas e um sinal precoce de sua recusa em se conformar às expectativas convencionais.

Essa atitude disruptiva na escola é um prenúncio da maneira como ela abordará a moda mais tarde em sua vida. Ao transformar seu uniforme de maneiras inventivas e inusitadas, Estella não apenas desafia a autoridade da escola, mas também sinaliza seu desejo inato de se destacar. Esses primeiros atos de personalização não são apenas uma manifestação de seu talento criativo, mas também um indicativo de sua resistência às regras impostas pela sociedade.

Ao todo, somam-se quatro diferentes adaptações de seu uniforme, sendo cada uma em um estilo distinto. Destaca-se, entre elas, a primeira, pois nota-se inspiração no visual do personagem Rambo⁸ e, também, no movimento *punk*. A jovem usa a camisa branca com suas mangas rasgadas e completamente rabiscada por ela mesma, com frases como “Run!”, “Break the chains”, “Winner”, “Number 1”, entre outras. Sua gravata é utilizada em um formato de X sobre a camisa e amarrada à cintura e seus pulsos são cobertos com um tecido branco amarrados com um lacinho preto. A relação com Rambo estabelece-se na medida em que a adaptação feita com sua gravata lembra o modo como o então personagem carregava a munição de suas armas no seu peito. Além disso, Rambo é um símbolo de resistência e coragem, e de violência e vingança, assim como Estella, quando usa esse traje na aula de Educação Física, que protege sua amiga de um valentão e revida a agressão (cf. Figura 5).

Os demais visuais fazem alusão ao movimento *punk*. A segunda personalização consiste em integrar diferentes bottons e signos na gola de seu blazer, tal qual os *punks* da década 1970 faziam em suas roupas⁹ (Caiafa, 1985). Na terceira adaptação da peça, ela usa a camisa branca do uniforme, porém, com espirros de tinta por todo tecido (inclusive seu rosto), muito similar a uma tela de pintura branca com tinta borrifada de maneira irregular. O quarto e último modelo se assemelha ao segundo. Contudo, ela vira seu blazer do avesso, rabiscando-o e mantendo os diferentes bottons na gola (cf. Figura 5). Desse modo, todas as estilizações são uma forma de demonstrar seu inconformismo com o uniforme padrão da escola. Assim, ela usa sua imaginação e suas habilidades para personalizá-lo de acordo com seu gosto e sua identidade, pois Estella é uma personagem que não se encaixa em nenhum padrão e que busca sua própria forma de ser e de se expressar.

Essa abordagem sobre a moda na escola estabelece as bases para sua futura carreira como designer de moda, na qual sua criatividade irreverente e sua disposição de desafiar as convenções se tornarão marcas registradas. Esses primeiros atos de personalização não são apenas uma expressão de moda, mas também uma declaração inicial de sua independência e individualidade (cf. Figuras 5).

Outro marcador na vida de Estella é seu cabelo. Em sua versão natural, seu cabelo é preto e branco, um traço visual essencial de sua personagem. Porém, após perder sua mãe e associar a culpa à sua personalidade indomável – visualmente entrelaçada ao seu cabelo –, a jovem toma a decisão de tingi-lo para esconder essa versão de si. Isso não foi uma mera mudança estética: na verdade, representa uma transformação interna na personagem. A cena referente à ação de tingir o cabelo é uma

metáfora visual, pois a tinta vermelha escorre pelo rosto da jovem Estella, fazendo alusão ao sangue escorrendo de uma ferida aberta e expressando, assim, os sentimentos da personagem – uma manifestação visual de sua dor, tristeza e culpa. Assim, ela mascara o seu lado original, pois o condena por ser o causador da morte de sua mãe (cf. Figura 6). O cabelo ruivo a enquadra na sociedade, tornando-a mais uma na multidão e, mais que isso, é uma contenção do seu lado subversivo e imprevisível (cf. Figura 6). O ato de tingir o cabelo é mais um entre os ritos de passagem que marcam a transformação da personagem.



Figura 5: Estella e suas personalizações de uniforme. Cruella, 2021.

A mudança na coloração do cabelo de Cruella simboliza mais do que uma transformação estética; representa um deslocamento em sua construção gênero, pois, o ato refere-se a um deslocamento de personalidade e, em decorrência, também mudança em sua construção performativa de feminino. Para a filósofa Judith Butler (2021), gênero não é uma essência fixa ou biológica, mas sim uma performance repetida e normativa de um conjunto de atos, gestos e comportamentos que se conformam às expectativas sociais sobre feminilidade e masculinidade. Esse conjunto de atos cria a aparência de uma identidade fixa naturalizada no e pelo discurso e instituições que exercem poder e interpelam os múltiplos sujeitos. O cabelo bicolor de Cruella representa simbolicamente sua postura disruptiva, colocando-a em um local de não ligar para as normativas e códigos sociais de gênero dominantes,

sendo ela livre de amarras para seu ser, isto é, um corpo subversivo que desafia as expectativas tradicionais atribuídas ao feminino. No entanto, quando Cruella tinge seu cabelo, ela aceita uma padronização, incorporando, ao mesmo tempo, uma postura mais “aceitável” socialmente e reproduzindo normas de comportamento e aparência mais contidas, polidas e recatadas – características que são comumente associadas ao feminino. Esse ato representa um processo de internalização das normas performativas de gênero que Butler (2021) argumenta como uma maneira pela qual os corpos femininos são frequentemente interpelados, silenciados e inseridos em padrões de comportamento que limitam suas expressões autênticas e subversivas.

Um elemento gráfico marcante e que simboliza todas as Cruellas é seu cabelo preto e branco. Desse modo, podemos compreender essa informação sobre o cabelo como o seu “eu”, ou seja, sua raiz. Trata-se da sua identificação, sua marca de excentricidade desde sua concepção, o que Estella tenta mascarar sob um cabelo avermelhado padronizado após vivenciar momentos traumáticos na infância.

Neste sentido, como afirma Stuart Hall (2006, p. 11), “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que o ‘eu real’, mas este formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. Assim, o “eu real” (sua identificação) seria marcado pelo cabelo preto e branco, porém, à medida que a protagonista cresce e tem contato com a sociedade inglesa que valoriza o padronizado e a conformidade, sua identidade – e aparência – altera-se sob uma forma mais neutra. Essa transformação é influenciada tanto pelo desejo de adaptação quanto pela pressão cultural externa, que valoriza certas normatividades femininas. Contudo, ela volta a assumir suas “raízes capilares” também pelo contato com o mundo exterior (através da figura da Baronesa). Esse processo, como Hall descreve, evidencia o sujeito pós-moderno “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006, p. 12), mas sim como um ser que transita e se adapta conforme interage com as influências culturais à sua volta.

Enquanto Cruella é marcante e possui uma presença forte e rouba a cena, Estella é neutra, imperceptível e contida. Ela é metade da personalidade da protagonista. Contudo, essa personalidade era constantemente domada por sua mãe por meio de afeto, amor e carinho. Desse modo, acompanhamos uma Estella criança e adulta tentando se encaixar em um mundo regido por regras sociais que condenam sua verdadeira personalidade, camuflando-se sob um cabelo ruivo apagado para enquadrar-se socialmente, apagando sua naturalidade agressiva preta e branca.

Após inúmeros confrontos travados com a Baronesa ao longo da narrativa, essa vilã, em um ato desesperado para encerrar a briga e manter sua alta posição e *status*, atenta contra a vida de Cruella/Estella, empurrando-a do mesmo penhasco que outrora assassinou Catherine. No entanto, o desfecho dessa tentativa de assassinato é diferente.



Figura 6: Cruella antes e depois de tingir o cabelo. Cruella, 2021.

A cena escurece e retorna focando em uma lápide marcada com a inscrição “Estella. Estilista/Filha/Morta”. Em um simbólico funeral, Wink, Buddy, os dálmatas, Horace, Jasper e Cruella se reúnem para enterrar Estella. A narrativa é conduzida por nossa protagonista, que descreve os desdobramentos após ser empurrada do penhasco: a Baronesa é presa por assassinato, mas não antes de testemunhar Cruella emergir triunfante no Hellman Hall. No momento da queda, Cruella aciona uma corda, transformando sua saia em um paraquedas, e aterrissa nas águas próximas a Horace, que a aguarda em um barco.

A narração de Cruella começa com uma nota irônica sobre a previsibilidade do que Baronesa, uma pessoa má, iria fazer na situação. Por isso, a espertize de Cruella, Estella como uma pessoa civil deixou para sua amiga, Cruella De Vil, sua fortuna. Assim, ela agora controla os recursos que pertenciam à Baronesa. O comentário sobre a justiça poética enfatiza a ironia do destino. A Baronesa é presa por empurrar a pessoa errada de um penhasco, mas o destino de Estella também é mencionado e ela acaba morrendo como sua mãe adotiva, embora de uma forma diferente do esperado. Estella está morta, mas Cruella está viva e agora é dona da propriedade de Baronesa. Para Cruella, isso pode ser considerado um “final feliz”, dada a sua mudança e aceitação de uma única personalidade.

Cruella não é uma personagem unidimensional, tal como sua versão animada. Ela tem muitos níveis e aspectos diferentes de sua personalidade que a tornam uma personagem complexa, não sendo nem genuinamente boa ou má. A complexidade de Cruella como uma personagem multifacetada é evidente nesse instante, destacando sua habilidade de transcender estereótipos e desafiar expectativas.

A cada nova passagem que Estella evocou a personalidade de Cruella e vestiu seu manto, após os dez anos de supressão, é um passo em direção à total aceitação dessa identidade. A sensação de verdadeira euforia, poder, liberdade e, acima de tudo, identificação que ela experimenta, ao abraçar sua persona Cruella, é um testemunho da autenticidade que essa faceta de sua personalidade representa para ela.

O manto de Cruella se torna mais do que uma peça de roupa, é um símbolo tangível de liberdade e empoderamento. Isso é reconhecido pela protagonista, quando ela expressa a seu amigo: “a Cruella faz as coisas. A Estella, não” (Gillespie, 2021, n.p.). Desse modo, ao vestir-se nessa persona bicolor, Estella se liberta das restrições autoimpostas e das expectativas sociais que a mantiveram contida por tanto tempo. A identificação com a persona de Cruella é como uma redescoberta de sua própria essência, uma afirmação corajosa de quem ela é verdadeiramente, além das amarras do passado.

Nesse sentido, toda a euforia sentida por Estella, ao se tornar Cruella, reflete a autenticidade que essa identidade traz para ela. É um reconhecimento de sua força interior, criatividade desenfreada e coragem para desafiar as convenções. Cruella não é apenas um *alter ego* ou pseudônimo; é uma expressão libertadora que permite à Estella se destacar e reivindicar seu espaço no mundo de uma forma única e destemida. É um meio de luta, ou seja, sua armadura para encarar o mundo e suas crueldades.

Esse momento, portanto, é um marco fundamental, pois representa a aceitação plena de quem ela é, não apenas como Estella, mas também como Cruella De Vil. A experiência de vestir o manto é uma celebração da individualidade e uma jornada de autodescoberta que lhe proporciona uma aparência transformada, para exteriorizar sua primazia para o mundo, mas, acima de tudo, uma sensação profunda de empoderamento e autenticidade.

Após todos esses eventos em sua vida, a protagonista, agora assumindo em definitivo o *alter ego* de Cruella De Vil, simbolicamente encerra o ciclo de Estella Miller. Nos últimos minutos do filme, a imagem escurece e volta enfocando uma lápide escrita “Estella. Estilista/Filha/Morta”. Em um funeral simbólico com Wink, Buddy, os dálmatas, Horace, Jasper e Cruella, eles enterram Estella. Nossa protagonista narra os todos os eventos do longa, incluindo o embate final com Baronesa que culminou na “morte” de Estella:

Antes de morrer, Estella deixou sua fortuna para uma amiga querida, Cruella De Vil. O que é bom nas pessoas más é que você sempre pode ter certeza de que elas farão alguma coisa, bem... má. Estella morreria como a mãe dela. Mas não foi bem assim. Uma saia bem cortada salva vidas, garotas. Lembrem-se disso. Ela foi presa por empurrar uma pessoa de um penhasco. A pessoa errada, mas a justiça poética tem alguma coisa tão...poética. Adeus, Estella. Ela estava com a mãe agora. Mas a Cruella estava viva. E eu chamo isso de final feliz (Gillespie, 2021, n.p.).

Cruella organiza um enterro simbólico para sua identidade como Estella. Ela faz isso por duas razões: para se livrar de qualquer vestígio de sua outra persona que fora morta; e também para assumir completamente sua nova personalidade como Cruella. O enterro simbólico representa sua transformação completa: ela está abraçando esse lado que não é uma psicopata egocêntrica, mas Cruella De Vill. O sobrenome é a extensão de seus amigos. Ela enterra Estella com sua mãe, Catherine, a mulher que lhe deu amor e motivou todos os eventos. Para selar, ela joga o colar no caixão de Estella e se despede, colocando um a essa dualidade e abraçando sua verdadeira natureza e personalidade (cf. Figura 7).

À luz do exposto, podemos afirmar que a jornada da protagonista em *Cruella* é uma narrativa rica e multifacetada, repleta de ritos de passagem e marcadores que moldam a transformação a doce Estella na icônica vilã da Disney, Cruella De Vil. Inicialmente marcada pela perda traumática de sua mãe adotiva, a narrativa da jovem Estella se desenrola ao explorar elementos simbólicos como a associação com o lixo, a humilhação e a rejeição, destacando como essas experiências forjam sua personalidade resiliente.

Consideração finais

O mundo da moda emerge como uma característica basilar, servindo não apenas como um meio de expressão criativa, mas também como um rito de passagem que a leva a desafiar as normas e convenções sociais. A descoberta das duas verdades sobre sua mãe adotiva e sua mãe biológica

adiciona complexidade à sua jornada, desencadeando uma busca por vingança, ao mesmo tempo que integra sua autenticidade. Desse modo, o simbolismo associado ao lixo e à sensação de rejeição se entrelaçam com a trajetória de Estella em múltiplas passagens, destacando sua luta para se afirmar em um mundo que a menospreza. A moda, por outro lado, é uma ferramenta de empoderamento, permitindo que ela se reinvente e reivindique sua identidade única.

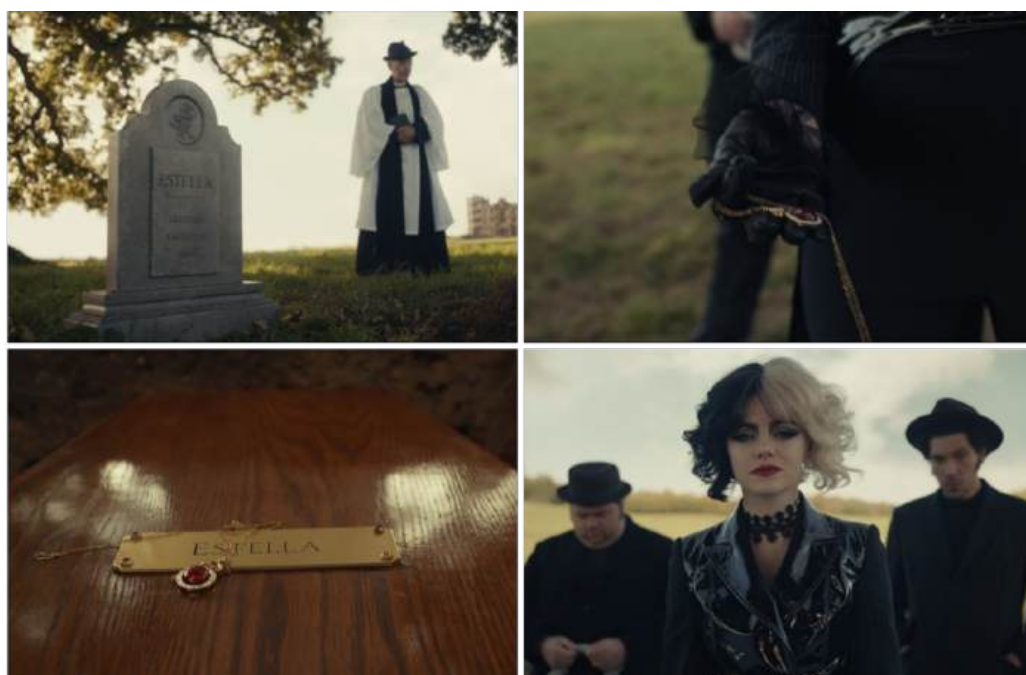


Figura 7: A despedida de Estella. Cruella, 2021.

Portanto, cada rito de passagem contribui para a evolução e cristalização da personalidade Cruella, culminando na aceitação plena de sua verdadeira natureza ao vestir-se assumir o seu cabelo natural bicolor. Esse ato está para além de uma transformação estética: é um símbolo de sua força interior e de sua recusa em ser definida por circunstâncias adversas. Ao final da jornada, Cruella emerge como uma figura complexa, empoderada e determinada, desafiando todas as expectativas sociais e o próprio destino que tentaram impor a ela (sua morte, por mais de uma vez). A metamorfose de Estella para Cruella De Vil é um processo de superação e afirmação de uma identidade autêntica em meio às adversidades.

REFERÊNCIAS

- ARNAULT, Renan; ALCANTARA E SILVA, Victor. Os ritos de passagem. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/os-ritos-de-passagem>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- BAILEY, Jessica. Cruella: Craig Gillespie. **Grazia Magazine**. Disponível em: <https://graziamagazine.com/articles/cruella-craig-gillespie/>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. Tradução Roberta Gregoli. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CRUELLA. Direção: Craig Gillespie. Produção Andrew Gunn, Kristin Burr, Marc Platt. California: **Walt Disney Studios**. 136 min. 2021
- CRUELLA: Outfit Cruella. Direção: Craig Gillespie. Produção: Walt Disney Pictures. California: **Disney+**, Sessão "Extras". 2021.
- DAVIDS, Brian. Filmmaker Craig Gillespie on 'Cruella' and Why "We're Culpable" in the 'Pam & Tommy' Story. **The Hollywood Reporter**, 2021. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-news/cruella-emma-stone-craig-gillespie-1234960723/>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- ELSAESSER, Thomas; HAGENER, Malte. **Teoria do cinema**: uma introdução através dos sentidos. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LORAUX, Nicole. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**: imaginário da Grécia Antiga. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- NOLETO, Rafael da Silva; ALVES, Yara de Cássia. Liminaridade e communitas – Victor Turner. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- QUINSANI, Rafael Hansen. **A revolução em película**: uma reflexão sobre a relação cinema-história e a guerra civil espanhola. 2010. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VIANNA, Vivian. Cruella: make punk great again! **UpdateorDie!** 01 jun. 2021. Seção Entretenimento. Disponível em: <https://www.updateordie.com/2021/06/01/cruella-make-punk-great-again/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. 16. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

NOTAS

1 Vide *Cinderela* (2015), *A Bela e a fera* (2017), *Aladdin* (2019), entre outros.

2 I got a call from American film producer Sean Bailey at Disney and he said, 'What do you think of Cruella De Vil with Emma Stone' and I said, 'That sounds amazing'. And then he said, 'It will be 1970s punk London'. And I was immediately drawn to it. That whole combination sounded so exciting to me.

3 As every production head came in to join the film, I would immediately stop them and say, 'We're not making a Disney movie. Don't think of this like a Disney film. Think of this like a coming-of-age punk story in London with all the grit'. And then I'd show them these images, and very quickly, everybody got it. So we just ran with it.

4 Para mais informações sobre o prêmio, ver: https://www.imdb.com/title/tt5083738/awards/?ref_=tt_awd.

5 Ritos de passagem é um conceito cunhado pelo antropólogo franco-holandês Arnold Van Gennep (1873-1957) em seu livro *os ritos de passagem* (1909). O autor decompôs os ritos de passagem em três categorias: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação e cada qual marca momentos de transição. Ver mais em Arnault (2016). Na mesma linha, o antropólogo inglês Victor Turner (1920-1983), inspirado por Van Gennep, formula o conceito de *liminaridade*, que seria um momento a margem dos ritos de passagem, é uma "fase ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo transitório de "morte" social, para, em seguida, 'renascerem' e reintegrarem-se à estrutura social" (Noleto, 2015, n.p.).

6 A imagem foi tornada mais clara através de efeitos por nós para melhor visualização.

7 Tanto os comentários de Jenny Beavan, quanto dos demais atores e atrizes foram retirados do documentário *Outfit Cruella* (2021), disponível na sessão "extra" no Disney+.

8 É um famoso personagem de filmes de ação do século passado que luta contra seus inimigos usando armas e técnicas de sobrevivência.

9 O filme *Cruella* (2021) é ambientado na década de 1970, em um contexto marcado pela efervescente cena *punk rock* de Londres. Esse movimento cultural e estético, caracterizado pela rebeldia contra normas sociais e visuais, influencia diretamente o estilo de Cruella e o seu espírito contestador, reforçando o tema de oposição às convenções e à busca por uma identidade própria e transgressora.